

LITERATURA DE VIAGEM – A PEREGRINAÇÃO DE FERNÃO MENDES PINTO NA “ÍNDIA”

Aluna: Priscila Santos Vieira
Orientadora: Flavia Maria Schlee Eyler

Introdução

Com a “descoberta” do Novo Mundo, é posto em questão o olhar unidimensional europeu atrelado, até então, à concepção de base teológica medieval. A expansão européia, além de criar fraturas na cosmovisão tradicional, abre caminhos para novas percepções. Entre elas, as das diversas dimensões da alteridade do outro. A curiosidade do homem moderno volta-se para a visão e para o fascínio das diferenças [1].

Neste sentido, entre os séculos XV-XVI, a viagem de Fernão Mendes Pinto, homem comum, possibilita-nos o percurso das novas percepções através de um olhar não alicerçado pela erudição. A obra deste homem do povo – *Peregrinação* [2] – ganha relevância no projeto “Literaturas de viagem” por apresentar experiências diversificadas que se mostram na construção do próprio relato.

O conhecimento dedutivo, entrelaçado pelo princípio de autoridade, passa a ser desbancado, no período estudado, pela legitimação da experiência individual. Os relatos de viagem permitem a valorização do testemunho como fonte direta de veracidade. O olhar do “eu” viajante começa a dizer o mundo que vê. Assim, o texto de Fernão Mendes Pinto permite a identificação das formas de construção do(s) outro(s) – africanos, indianos, chineses e japoneses – num horizonte tanto de semelhanças quanto de diferenças com relação ao costume europeu.

Objetivos

O trabalho em torno da *Peregrinação* pretende estabelecer um horizonte de distâncias e aproximações entre a imagem medieval do mundo e a imagem do “moderno”. Mapeando as diversas posições que o **eu** narrador assume no decorrer do relato, em que se tornam presente elementos apreendidos do olhar de Fernão Mendes Pinto, é possível identificar as diferenças e semelhanças que orientam sua percepção na construção do(s) outro(s) acima apontados.

Com relação à construção dos indianos, recorte da minha pesquisa, vamos operar com as experiências de Fernão Mendes Pinto diante de outras formas de organização social e suas formas de sociabilidade. Objetivar o outro é, sobretudo, enfrentar os limites do mesmo ou seja, tanto os limites do próprio relato quanto os de nossa interpretação.

A pesquisa, ao investigar os pré-conceitos que orientaram a construção de diferenças, também deve permitir que se compreenda alguns impasses do mundo contemporâneo com relação às diversidades culturais.

Metodologia

O projeto é norteado pela aproximação entre os campos da História e da Literatura. Essa possibilidade de aproximação se dá em função da mudança dos modelos epistemológicos que orientavam a escrita da História com suas pretensões universalistas, e seu lugar no campo do conhecimento. Mendes Pinto, assim como outros relatos de viagem, rompe, por meio da especificidade de sua experiência, as regras que orientavam os gêneros da autobiografia e da literatura de viagem da antiguidade e do medievo. Constituindo, mesmo que a sua revelia o

que será o sujeito moderno, Fernão Mendes mistura o velho e o novo sujeito; a História e a Ficção.

Cabe frisar que a produção do outro, ou seja, a retórica da alteridade desenvolvida e inscrita pelo “olho” e pelo “ouvido”, será baseada, sobretudo, em Hartog [3]. O próprio sentido da viagem subitamente se altera, o homem descobre um gosto novo pelas coisas diferentes, a tudo o que o Novo Mundo começa a oferecer de verdadeiramente novo; é justamente essa categoria do outro que se vê promovida e se torna objeto de uma descoberta que vai infiltrar-se em todas as dimensões da cultura ocidental. A grande novidade reside no fato de que a dita curiosidade transporta-se aos poucos para a visão das diferenças – a presença do outro constrói o alicerce de tudo o que possa constituir o fascínio da diferença.

Além destes procedimentos, é importante o diálogo entre texto de Fernão Mendes Pinto e contexto das viagens portuguesas nos séculos XV e XVI para que se controle possíveis anacronismos. Tal metodologia tem sido fundamental para a compreensão da questão da alteridade.

Conclusões

A viagem moderna põe em risco os próprios fundamentos do mundo ocidental, o conhecimento *a priori* passa a dar lugar ao conhecimento *a posteriori*; abrindo-se em direção à descoberta das dimensões da alteridade do outro.

A universalização do saber uno não cabe mais ao Novo Mundo, mediante a diversidade que este apresenta. Cria-se, então, uma percepção da natureza distinta daquela que provém dos textos medievais. O sentido do natural será estabelecido pelas conclusões do olhar que classifica o mundo para melhor compreendê-lo. O ponto de vista do observador torna-se referência para a apreensão das coisas e assume uma busca da objetividade e de maior precisão na descrição.

A importância do ato de observar, embora tivesse limitações, foi reafirmada pela valorização do testemunho, no lugar das antigas especulações. No entanto, para que estas visões e experiências passem a ser compartilhadas e experimentadas, tornam-se necessários seu registro e sua demonstração, como garantias da ausência de erro. Com isso, o relato de viagem é uma espécie de testemunho que, apenas de uma forma genérica, assinala uma verdade. Porém, os viajantes de terras estranhas encontram coisas para as quais sua linguagem não está preparada. Desta forma, os feitos dos descobrimentos ultrapassam a simples aventura náutica.

Referências

- 1 – BORNHEIM, Gerd. “A descoberta do Homem e do Mundo” in Adauto Novaes (org) **A descoberta do Homem e do Mundo**, São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- 2 – PINTO, Fernão Mendes. **Peregrinação**. Maia: Imprensa Nacional, 1988.
- 3 – HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.